

Breithaupt, Fritz. 2025.
Das narrative Gehirn. Was unsere Neuronen
erzählen. Berlin: Suhrkamp.

Markus Ebenhoch

Universidade de Salzburg, Áustria

markus.ebenhoch@plus.ac.at

ORCID: 0000-0002-7449-3202



NOS SEUS LIVROS *KULTUREN DER EMPATHIE* (2009, *Culturas da empatia*) e *Die dunklen Seiten der Empathie* (2017, *O lado negro da empatia*), Fritz Breithaupt, professor de Estudos Germânicos e Ciências Cognitivas na Universidade de Indiana em Bloomington, havia já discutido em pormenor a relação entre narração e emoções no contexto da empatia. Com *Das narrative Gehirn. Was unsere Neuronen erzählen* (*O cérebro narrativo: O que nos contam os nossos neurónios*), propõe uma tese mais abrangente e provocadora: os seres humanos são, por natureza, criaturas narrativas (*homo narrans*), e as emoções constituem o núcleo do pensamento narrativo.

O livro, publicado em capa dura em 2022, tornou-se um *bestseller* na Alemanha, venceu o prémio de melhor livro de ciência do ano 2023 na Áustria e obteve grande repercussão, inclusivamente nos principais jornais alemães. Em 2025, foi lançado em edição de bolso na coleção *suhrkamp taschenbuch wissenschaft* (*suhrkamp livro de bolso de ciência*). A obra está dividida em oito capítulos, antecidos por uma introdução e seguidos por uma conclusão, notas e uma ampla bibliografia.

Na introdução (9-38), são definidos os termos mais importantes e explicadas as ideias principais do livro. Para Breithaupt, as narrativas, por um lado, oferecem orientação num mundo caótico e ajudam na construção da identidade. No entanto, por vezes ficamos presos aos mesmos modelos que nos orientam, por exemplo, as narrativas da vítima, do trabalhador árduo ou da supermãe. Por outro lado, as narrativas também oferecem alternativas criativas, pois, devido ao seu carácter ‘multiversional’, podem transformar-se no decurso do próprio ato de contar. O autor defende a tese de que as narrativas nos permitem vivenciar experiências alheias, já que à nossa consciência é conferida a faculdade de mobilidade e, no final da narrativa, somos geralmente recompensados com emoções positivas.

No primeiro capítulo, “O pensamento em episódios: do caos à ordem” (39-60), Breithaupt confronta descobertas das neurociências com conceitos dos estudos literários ao explorar como organizamos as nossas experiências. Segundo a neurociência, a segmentação em episódios com início, meio e fim permite ao ser humano, desde tenra idade, perceber o mundo, tirar conclusões, desenvolver uma formação geral e criar memórias individuais. Os episódios são narrativas mínimas, estruturadas temporalmente, que convidam o ouvinte a vivenciar as experiências dos outros. A chave para aceder a essa experiência alheia é a ‘viragem’ no meio do episódio. Nesse ponto – a *peripécia* aristotélica, ou o *Wendepunkt* na teoria dramática de Gustav Freytag – o protagonista do episódio sofre uma transformação: passa de agente passivo a agente ativo (ou vice-versa), permitindo ao ouvinte vivenciar emocionalmente essa mudança.

O segundo capítulo, “O que são narrativas?” (61-79), é o mais conceptualmente narratológico, pois discute as definições e funções da narrativa. Para Breithaupt, a disciplina da narratologia divide-se entre os estudiosos que enfatizam os eventos (ex. Wolf Schmid) e aqueles que realçam as perspectivas (ex. Gérard Genette), enquanto ele procura concentrar-se na combinação de ambos os elementos. Quem espera uma resposta directa à pergunta que dá título ao capítulo poderá ficar decepcionado, pois, no final da sua argumentação, o autor, em vez de oferecer uma definição universal, opta por uma abordagem indutiva, afirmando que as narrativas variam consoante o contexto cultural.

O terceiro capítulo, “Jogos de telefone estragado” (81-135), constitui o núcleo do livro, pois é nele que o autor apresenta uma vasta gama de dados empíricos, ilustrações gráficas e informações metodológicas sobre as experiências realizadas no *Experimental Humanities Laboratory* em Bloomington. Breithaupt e a sua equipa conduziram diversos testes sobre a reprodução em série de narrativas, com mais de 12.000 participantes. Em contraste com as experiências clássicas do psicólogo Frederic Bartlett, que concluiu que a causalidade era o factor decisivo no ato de recontar uma história, Breithaupt observa que, embora detalhes específicos possam ser perdidos e a causalidade enfraqueça, as emoções associadas às histórias tendem a ser preservadas, o que indica a centralidade das emoções na transmissão narrativa. “As emoções fixam-se de forma particularmente clara na memória e tornam-se uma âncora à qual as histórias podem ser ancoradas” (135). A sua tese de que as emoções desempenham um papel fundamental na recontagem é, segundo o autor, também confirmada nos contos de fadas dos Irmãos Grimm, nos quais a fragilidade e a astúcia dos protagonistas são valorizadas positivamente.

A interseção entre narração e emoções aprofunda-se no quarto capítulo, “Emoções como recompensa do pensamento narrativo” (137-184), cujo título resume a tese central desta parte do livro. Após ler, ouvir ou ver um episódio narrativo, o leitor, ouvinte ou espectador é recompensado com emoções específicas, como o amor, o espanto, o triunfo, a alegria, a comoção, a surpresa ou a satisfação. Breithaupt distingue estas emoções centradas no destinatário – que surgem no final de um episódio – das emoções narrativas empáticas, que resultam da identificação com os protagonistas durante o desenrolar da narrativa.

Uma recompensa específica do pensamento narrativo é discutida no quinto capítulo, “A narrativa como resposta a uma crise” (185-209). Breithaupt analisa como as narrativas, com o seu poder coletivo de sugestão, ajudam a processar eventos traumáticos, por exemplo, o 11 de setembro ou a crise financeira após a falência do banco Lehman Brothers. Ele argumenta que as narrativas permitem que indivíduos e sociedades compreendam e enfrentem crises, oferecendo estruturas, significados e alternativas em tempos de incerteza. Dessa forma, a própria narrativa sobre a crise constitui um passo para a sua resolução, pois o ato de narrar tem efeitos terapêuticos e prepara-nos para enfrentar futuras situações de instabilidade.

No sexto capítulo, “Identidade como patologia” (211-241), Breithaupt apresenta três operações cognitivas através das quais criamos personagens na nossa mente: simulamos personagens (*playability*), associamos personagens a ações (*tracking*) e justificamos personagens. Essas três operações geralmente resultam em recompensas emocionais positivas; no entanto, as narrativas que moldam a identidade das personagens podem conduzir a distorções ou patologias, caso sejam demasiado rígidas ou limitadas.

O sétimo capítulo, “Realidade multiversional, narrativas multicamadas” (243-261), parte da premissa neurocientífica de que o nosso cérebro está centrado no futuro imediato, com o objetivo de antecipar o inesperado. Em contraste com o *predictive brain*, o cérebro narrativo orienta-se para o longo prazo e pensa em múltiplas versões de uma história. A ‘multiversionalidade’, segundo Breithaupt, permite considerar diferentes possibilidades e alternativas, criando assim um certo suspense e preparando-nos, de forma lúdica, para situações futuras.

O oitavo capítulo, “Evolução do cérebro narrativo: o palco como local de nascimento da mobilidade da consciência” (263-290), destaca que a ‘consciência móvel’ é uma característica distintiva dos seres humanos, facilitando a simulação de experiências e a construção de narrativas complexas. Breithaupt propõe a tese de que a mobilidade da nossa consciência foi moldada pelo palco, entendido como o local de concentração coletiva onde os seres humanos aprenderam a empatia coletiva.

Em “Perspetivas: Saída da menoridade narrativa” (291-300), o autor expressa o seu receio de que, embora assistamos ao aparecimento de um número impressionante de narrativas, por exemplo: nas redes sociais, tenhamos perdido parcialmente a capacidade de pensar em alternativas, ou seja, em outros caminhos que uma história poderia seguir. E isso é grave, segundo Breithaupt, porque as narrativas multiversãois não oferecem apenas orientação, mas também intensidade e, por fim, enriquecem as nossas vidas.

Em *O Cérebro Narrativo: O que nos contam os nossos neurónios*, Fritz Breithaupt combina conhecimentos das ciências cognitivas e das neurociências com conceitos dos estudos literários e elementos empíricos resultantes de testes realizados no *Experimental Humanities Laboratory* em Bloomington, para explorar de que forma as narrações moldam a nossa percepção do mundo e, crucialmente, como as emoções desempenham um papel central nesse processo. A sua tese mais notável é que as emoções são transmitidas com mais consistência do que outros elementos de uma narrativa e, por isso, funcionam como âncoras das histórias. Além disso, Breithaupt avança a ideia de que o envolvimento em narrativas oferece uma recompensa emocional.

A sua argumentação interdisciplinar, os dados empíricos e a variedade de exemplos – desde contos de fadas até experiências pessoais – utilizados para ilustrar os seus pontos são impressionantes. Apesar de algumas limitações (como a ausência de definições mais claras de termos como ‘narrativa’ ou ‘emoção’, a apresentação de ilustrações gráficas nem sempre suficientemente explicadas, e o facto de a estrutura geral do livro refletir que alguns capítulos foram publicados anteriormente de forma independente), trata-se de uma um contributo significativo para a compreensão interdisciplinar do pensamento narrativo e, sobretudo, para a pesquisa futura na intersecção entre emoção e narrativa.

Markus Ebenhoch é professor associado no Departamento de Filologia Românica da Universidade de Salzburgo onde, em 2009, defendeu a sua tese de doutoramento intitulada *A Cuba pobre. Representações da pobreza nos contos cubanos dos anos 1990*. Em 2016/2017, foi investigador convidado no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e, em 2021, professor convidado na Universidade de Frankfurt am Main. Publicou vários livros e artigos sobre literatura do século XX, literatura do Iluminismo e teologia da libertação latino-americana, entre os quais *A religião no romance português do século XVIII* (edição portuguesa: 2025; edição alemã: 2023).